

..... Prólogo

Kevin: Se o sonho e a realidade às vezes se misturam, é assim mesmo que deve ser.

(The Wonder Years - Anos incríveis)

Conheço uma garota que é *louca* por cinema. Confesso que não entendo muito bem essa paixão dela. Filmes são divertidos, mas ao mesmo tempo são meio sem graça... Em duas horas, tudo se passa muito rápido, e – no melhor da história –, quando a gente finalmente vai saber o que aconteceu depois que os problemas terminaram, aparece um “*The End*” na tela! Ah, não... eu prefiro coisas mais duradouras! Faço questão de virar amiga íntima das minhas personagens preferidas. Combino de encontrá-las toda semana, no horário marcado, sem atraso.

Eu gosto mesmo é de *seriados*.

1

Sally: A parte mais difícil de seguir em frente é não olhar pra trás.

(Felicity)

“Lembre-se de fazer um pedido antes de apagar as velas, Priscila!”

Minha mãe estava louca se achava que tinha alguma possibilidade de eu ter me esquecido da melhor parte. Fechei os olhos para me concentrar melhor e falei: “Eu quero voltar pra São Paulo!”.

Antes que eu soprasse, a voz da minha prima, que estava bem ao meu lado, entrou no meio dos meus pensamentos.

“Ai, sua burra! Não pode falar o desejo em voz alta, senão não acontece!”

Eu já ia responder que o pedido, o bolo e o aniversário eram meus e que eu fazia deles o que bem entendesse, mas a minha tia falou antes.

“Marina! Será que nem na hora dos parabéns você para de implicar?”, ela disse, dando um leve beliscão na minha prima, coisa que eu mesma gostaria de ter feito, embora mais forte. Eu adorava a Marina, mas tinha hora que ela perdia a oportunidade de ficar calada.

“A Marina está certa”, minha mãe entrou no meio. “O pedido da Priscila não vai se realizar. Mas não porque ela o mencionou em voz alta.” E virando-se para mim, com uma expressão meio triste e cansada, ela acrescentou: “Meu bem, já discutimos isso umas 50 vezes. Nossa vida agora é aqui...”.

Subitamente, perdi o interesse pelo enorme bolo de brigadeiro que estava na minha frente. Sem me preocupar em apagar as velas, saí pisando duro em direção ao meu quarto. Antes de bater a porta com força, gritei que, se eu não podia voltar pra São Paulo, então eu não queria nada, pois coisa nenhuma em Belo Horizonte tinha o poder de me fazer feliz!

Escutei ainda minha mãe dizer que o fato de ser meu aniversário não me impedia de ficar de castigo, mas nem liguei. Eu já me sentia de castigo mesmo, totalmente presa naquela cidade sem graça.

Deitei-me na cama e comecei a me lembrar de como o meu aniversário do ano anterior havia sido diferente. Eu tinha convidado todas as minhas amigas para nadar na minha casa, meu pai havia feito um churrasco, e o dia não poderia ter sido mais feliz. Como eu gostaria de voltar no tempo...

Ouvi uma batida na porta e apenas mandei que a pessoa fosse embora. Porém, dois segundos depois, escutei também um ganhido. Levantei-me depressa e abri. O Biscoito entrou balançando o rabo, todo contente, mas, infelizmente, atrás dele, veio também a minha prima enxerida. Ela entrou, fechou a porta atrás de si e se sentou na minha cama, sem nem pedir minha permissão. Peguei uma revista e comecei a folhear, pra que ela percebesse que eu não queria conversa.

“Pri...”, ela começou baixinho. “Sua mãe ficou triste... ela está quase chorando lá embaixo.”

Eu fingi que não ouvi e continuei a passar as páginas.

“Agora você já tem 13 anos, não pode continuar agindo como um caramujo que se esconde na concha a cada contrariedade!”

Isso fez com que eu fechasse a revista com força. Ela tinha conseguido me deixar ainda mais brava.

“E você é muito adulta pra me dar conselhos, não é?”, eu disse, me levantando. “Quantos anos você tem mesmo? Treze anos e nove meses, se me lembro bem?”

Ela pareceu meio desconcertada com aquilo, mas não se intimidou.

“Priscila, na verdade a idade não importa, mas sim o fato de que você deveria apoiar a sua mãe! Você acha que não está sendo difícil pra ela também? Ela acabou de se separar do seu pai! Deve estar sofrendo muito por causa disso! Não precisa também de uma filha mimada pra tornar as coisas ainda mais complicadas pra ela nesse momento!”

Agora ela tinha tocado bem no meu ponto fraco. Eu sabia que minha mãe estava sofrendo. Ela fazia de tudo para esconder, mas eu a escutava chorar trancada no quarto algumas vezes e reparava nos olhos inchados com os quais ela vinha acordando todas as manhãs. Eu imaginava que ela devia estar chorando bastante de madrugada. Tudo o que eu mais queria era poder aliviar esse sofrimento dela, mas eu estava tão infeliz também, que nem conseguia fingir. E eu sabia que isso a deixava ainda mais triste.

“Mas por que ela tinha que resolver se mudar?”, eu me sentei. “Por que ela tinha que mudar a nossa vida inteira? E por que ela não me deixou ficar lá com meu pai e meu irmão?”

Eu não consegui dizer mais nada, pois senti lágrimas inundarem meus olhos. Ok, aquilo era constrangedor. Eu odiava chorar. Especialmente na frente de outras pessoas. Eu tinha pânico de que me achassem frágil e sentissem pena de mim. E parecia ser exatamente isso o que a minha prima estava sentindo naquele momento.

Ela me abraçou e ficou passando a mão pelo meu cabelo. No mesmo instante, o Biscoito pulou no meu colo e começou a me lambar, parecendo muito preocupado com o meu choro. Afastei-me da Marina, mas deixei que meu cachorro me consolasse. Só ele sabia o que eu estava sentindo. Assim como eu, ele também havia sido obrigado a se mudar de cidade e deixar tudo para trás.

No processo de separação dos meus pais, eles dividiram tudo... inclusive os filhos e os animais de estimação. Eu, o Biscoito, a Snow e o Biju viemos com a minha mãe pra BH. O meu irmão, a Duna, o Chico e o Pavarotti permaneceram com meu pai, em São Paulo. Esse acordo maluco, de dividir tudo, podia muito bem funcionar pra eles, que quiseram parecer justos um com o outro, mas para mim foi muito pior!

Eu abracei o Biscoito e comecei a chorar ainda mais. No meio das lágrimas, eu disse: “Agora, além de não ver o meu pai todo dia, eu também tenho que ficar sem meu irmão, minha cachorra, meu furão e meu papagaio! Por que eles fizeram isso comigo?”

“Você sabe o motivo”, a Marina respondeu. “Sua mãe precisava de apoio familiar nesse momento... vocês só moravam em

São Paulo por causa do trabalho do seu pai! Sei muito bem que, se dependesse da sua mãe, ela nunca teria se mudado pra lá, afinal toda nossa família é daqui. E quanto aos seus bichinhos, em São Paulo vocês moravam em um condomínio, em uma casa grande. Agora, nesse apartamento, seria até maldade deixar sua golden retriever em um espaço tão menor do que aquele ao qual ela já está acostumada. E pelo que me lembro, seu papagaio grita demais, ia acabar incomodando os vizinhos. E sobre o furão... bom, acho que foi o Arthur que exigiu ficar com ele, né? Afinal ele também é dono... E, aliás, pelo que sei, o seu irmão só ficou em São Paulo por causa da faculdade. Minha mãe me disse que ele também não está nada feliz de ter que ficar longe de vocês!”

Eu fiz que sim com a cabeça, sentindo meus olhos se encherem ainda mais ao me lembrar dos meus bichinhos. Especialmente a Duna devia estar sentindo muito a minha falta. Eu passeava com ela e o Biscoito todos os dias. Se o meu irmão não desgrudasse a bunda da frente do computador pra andar com ela, ia se ver comigo!

“Além disso”, ela coçou a cabecinha do Biscoito, “você trouxe essa fofura aqui pra te fazer companhia... e também a gatinha e o rato. Até hoje não entendi como você consegue fazer com que esses bichos não briguem. Eu pensei que cachorros, gatos e ratos fossem meio inimigos...”

Eu fiquei muda e de braços cruzados, enquanto minha prima brincava com meu cocker spaniel. Meus animais eram muito civilizados e nunca tinham tido qualquer problema de incompatibilidade uns com os outros. Mas eu não estava com a menor vontade de explicar isso pra ela. Nem de discutir pela milésima vez que o Biju não era um rato, e sim um hamster! Nesse momento, minha mãe abriu a porta.

“Marina, sua mãe já está indo embora e pediu pra te chamar.” Olhando séria pra mim, ela acrescentou: “Priscila, vá se despedir dos seus familiares. É muita falta de educação largar os convidados no meio da festa e se trancar no quarto! Eu falei sério a respeito do castigo!”

Ela saiu e deixou a porta entreaberta. O Biscoito a seguiu, me deixando sozinha com minha prima. A Marina deu um suspiro,

analisando meu rosto, e em seguida olhou para um canto da minha cama, onde estavam alguns presentes que eu tinha ganhado.

“Você nem abriu o que eu te trouxe ainda”, ela pegou um embrulho no meio dos outros. “Eu acho que você vai gostar...”

Eu sabia que nada que ela me desse teria o poder de me alegrar, mas abri, só pra ver se ela ia embora logo e me deixava em paz. Desembrulhei e encontrei uma caixa com a foto de uma mulher e uma menina. Abri e vi que dentro tinha quatro DVDs. Em cima de tudo estava escrito: “*Gilmore Girls – Tal mãe, tal filha*”.

“O que é isso?”, eu perguntei, tirando um dos DVDs da caixa.

Ela me olhou meio admirada: “Você nunca ouviu falar desse seriado?”.

Eu balancei os ombros e respondi que não, enquanto lia o que estava escrito atrás da caixa. Antes que eu terminasse, ela tirou da minha mão e colocou no aparelho de DVD.

“Você precisa ver *agora!*”, ela ligou a televisão. “É uma série perfeita, que fala de uma mãe e uma filha que são muito amigas... Ah, você vai ter que assistir! Eu imaginei que seria um presente ótimo, afinal agora você vai morar sozinha com sua mãe...”

Eu nem consegui protestar. Ela já tinha colocado o DVD pra rodar e aos poucos eu fui entrando naquele mundo que ainda não conhecia. Depois de uns 15 minutos, estávamos tão compenetradas com o episódio, que levamos o maior susto quando a minha tia apareceu.

“Ah, que bonecas! Então vocês largam todo mundo esperando e ficam aí, vendo televisão!”

A Marina pausou o DVD depressa. “Desculpa, mãe! A Priscila não conhecia *Gilmore Girls*, e eu estava só mostrando pra ela! A gente já está indo...”

Minha tia deu uma olhada séria pra nós duas e se virou balançando a cabeça.

“Você gostou!”, a Marina disse, assim que a mãe dela saiu de vista. “Eu notei sua expressão olhando pra tela! Você gostou *muito!* Ai, nem acredito! Minhas férias já estavam boas por você ter se mudado pra cá, agora então... Não vou sossegar enquanto a gente não

terminar de ver essa temporada inteira! Vamos fazer uma maratona de episódios? Mas só vamos poder começar no domingo”, ela disse se levantando, “porque amanhã tem uma festa em que você *precisa* ir comigo! Eu já falei de você para todas as minhas amigas e todo mundo quer te conhecer! E, pra gente chegar *arrasando*, temos que ir ao clube de manhã para pegar aquele bronze! Já consegui convite pra você e não aceito um ‘não’ como resposta!”

Ela estava tão empolgada que eu nem consegui dizer que eu não tinha a menor intenção de ir a lugar nenhum. Eu queria ficar ali deitada na minha cama, me contorcendo de autopiedade. Mas a Marina me puxou antes que eu abrisse a boca.

“Agora, vamos pra sala, anda! Eu queria dormir aqui na sua casa, mas minha mãe falou que vocês ainda estão meio abaladas pela mudança, que é pra eu dar um tempo pra você, mas eu falei pra ela que já tem *dois* dias que vocês chegaram e que eu poderia inclusive ajudar a arrumar esse tanto de caixas fechadas no seu quarto, afinal está tudo a maior bagunça...”

Ela continuou a conversar até ir embora. Não sei como minha prima conseguia falar tanto! E minha mãe, quando ela estava saindo, ainda veio dizer que nós somos parecidas, pois *eu* sou muito tagarela. Humpf. Ela devia saber que eu só falo sobre coisas importantes. E certamente nada em Belo Horizonte tinha importância suficiente para merecer o meu vocabulário.

Eu não sabia como estava enganada. E eu começaria a perceber isso logo no dia seguinte...



Belo Horizonte, sábado, 4 de janeiro, três da madrugada

Querida Lalá,

Estou indo dormir e de repente senti uma saudade imensa das nossas conversas na porta de casa até tarde da noite. Ainda não conheci meus vizinhos, não sei se tem alguma menina da minha idade, mas sei que nenhuma vai ser legal como você!

Adorei você ter me ligado mais cedo, obrigada pelos parabéns! Como te disse, eu li a sua carta no avião e adorei! Você vai ser minha melhor amiga pra sempre, prometo! E eu juro que vou manter a promessa de mandar pelo menos uma carta por semana, para que você possa pregar na sua agenda e não ficar com saudade da minha letra!

Quero muito que você venha conhecer o meu apartamento novo, assim que possível! Quando eu cheguei aqui, já estava tudo montado, a sala, os quartos... A decoradora que minha mãe contratou realmente trabalhou rápido! Está tudo bonito e organizado (fora as caixas da mudança). Mas eu sinto falta da bagunça da minha antiga casa, das roupas do meu irmão espalhadas por todos os lados, do Pavarotti gritando o tempo todo... Por falar nisso, quando passar por minha casa, não deixe de conferir se ele está bem, ok? Fale bastante o meu nome para que ele não se esqueça de mim e nem de como se fala "Priscila"! Papagaios esquecem rápido, se a gente não fica sempre repetindo!

Onde eu estou morando é cheio de prédios altos, mas não tem muito trânsito. É um bairro residencial, mas nada afastado da cidade, como o nosso condomínio. Eu tenho levado o Biscoito pra passear bem aqui na frente, em uma praça bonita e grande que se chama "JK". Eu acho que ele já se adaptou. Pelo menos bem mais do que eu...

Larissa, você acompanha alguma série de TV? Eu nunca tinha ligado para isso, mas ganhei de aniversário a 1ª temporada de uma que se chama "Gilmore Girls". Procure na internet. É totalmente viciante, eu estou amando! E nela tem um menino fofo que gosta da menina principal. Ele se parece um pouquinho com o Thiago. Por falar nisso, você tem visto ele por aí? Fala que eu mandei um beijinho! Não, melhor não falar nada, pra ele não achar que eu estou aqui só pensando nele! Afinal, nem estou! Ah, quer saber? Manda o beijo, sim! 😊

Bom, agora tenho que dormir!

Um grande beijo pra você!

Pri

2

Angela: É incrível quando você consegue sentir sua vida indo a algum lugar. Como se ela acabasse de descobrir como ser boa.

(My so called life - Minha vida de cão)

Quando acordei, ou melhor, quando a minha gata me acordou pisoteando de leve a minha barriga, a primeira coisa que pensei foi que aquela cama era grande demais. Era a segunda noite que eu dormia nela, mas ainda não tinha me acostumado. Em uma tentativa de fazer com que eu gostasse do meu novo lar, minha mãe pediu que a decoradora arrumasse o meu quarto como se fosse para uma princesa, inclusive com uma enorme cama de casal, com dossel e tudo. Eu teria amado. Eu sempre quis ter uma cama daquelas, mas agora ela me deixava triste. Eu sabia que a cama nada mais era do que uma forma de compensação. Se eu não podia ter mais a minha casa enorme, pelo menos eu teria uma cama assim. Boa tentativa, mamãe, mas não gostei da troca.

A Snow, ao perceber que já tinha conseguido me acordar, parou de me “amassar” e começou a ronronar, e eu me lembrei de que ela devia estar com fome. Eu também estava.

Apesar da preguiça, me obriguei a me levantar da cama, e de repente entendi o motivo pelo qual eu estava tão cansada. Eu havia ficado assistindo ao seriado que a Marina tinha me dado até de madrugada. Vi uns seis episódios e só desliguei porque ouvi um barulho vindo do quarto da minha mãe. Fiquei com medo de que ela realmente me colocasse de castigo se me encontrasse acordada às três horas da manhã!

Ao sair do meu quarto, percebi que ela já estava de pé, provavelmente há horas, arrumando caixas e mais caixas. Eu tinha certeza de que a nossa mudança nunca caberia naquele apartamento (que era até grande, tinha três quartos, mas só quem já

morou em uma casa sabe a sensação de prisão que dá ao ter que se mudar para um apartamento), porém minha mãe continuava desencanaotando e guardando tudo nos armários.

Ao me ver, ela avisou que a Marina já tinha telefonado e dito que a minha tia iria nos levar ao clube às onze horas. Eu disse a ela que queria ficar em casa, ajudando a arrumar as coisas, mas ela recusou minha oferta, alegando que preferia que eu saísse e arrumasse alguns amigos. Minha mãe é tão iludida... Como se “amigos” fosse uma coisa que se comprasse em qualquer esquina! Porém, resolvi ir, para que ela não ficasse o dia inteiro me olhando com aquela expressão de culpa.

Eu tinha acabado de ver que faltavam quinze minutos para as dez, então eu teria que correr para dar tempo de passear com o Biscoito, limpar a caixa de areia da Snow, soltar o Biju da gaioliinha, para que ele corresse um pouco, e dar comida pra todos eles.

A minha prima tocou o interfone exatamente quando eu tinha acabado de me arrumar. Ela já tinha me ligado três vezes pra saber se eu estava pronta e dando instruções para que eu levasse:

- *Um brinquêni pequeno, mas não pequeno demais.*
- *Uma toalha que não tivesse estampas de princesas da Disney.*
- *Óculos escuros.*
- *Dinheiro. Agente iria almoçar lá.*

Eu realmente não estava com o menor pique, apesar do dia lindo de sol que estava fazendo. Tudo o que eu mais queria era ficar na minha cama, com as janelas fechadas, terminando de ver os outros episódios da série que a Marina tinha me dado. Mas eu sabia que, se eu dissesse isso, ela provavelmente chamaria o corpo de bombeiros para me tirar do apartamento, ou jogaria os DVDs pela janela, então eu resolvi ir logo e deixar o seriado para mais tarde.

Chegando ao tal clube, que descobri que ficava praticamente no mesmo bairro do meu prédio, me surpreendi. O lugar era enorme! Olhando da portaria, que era no segundo andar, dava

pra ver que lá tinha umas três piscinas olímpicas, além de algumas redondas e várias infantis, quadras de peteca, de basquete, de futebol, de vôlei, lanchonetes e – especialmente – muito lugar pra se bronzear. Então era isso. Já que eu não morava mais em um estado com praia, era ali que eu iria passar meus fins de semana ensolarados.

Eu fiquei tão entretida olhando para todos os lados, que nem percebi que a Marina tinha continuado a andar. Só quando ela me gritou é que eu vi que ela já tinha até descido as escadas e estava com mais duas garotas, que pareciam ter mais ou menos a nossa idade.

Desci, me sentindo completamente sem graça. Normalmente eu não tenho problema algum para me socializar, mas eu não sabia como seria recebida por aquelas meninas. E se elas não gostassem de uma garota nova invadir o território delas? E se elas implicassem comigo de cara? E se elas zoassem o meu sotaque? E se a minha prima ficasse conversando com elas o tempo todo e nem se lembrasse mais da minha existência? Respirei fundo, empinei o nariz e fui ao encontro delas, como se eu não estivesse nem um pouco apavorada.

Assim que cheguei perto, a Marina começou as apresentações: “Priscila, essa aqui é a Clara, minha melhor amiga!”.

Eu cumprimentei com um beijinho a menina, que era morena e estava com os cabelos presos em um rabo de cavalo bem alto, e qual foi minha surpresa quando vi que ela ficou com o rosto no ar quando eu me afastei após o beijo! A Marina começou a rir e explicou que em BH o costume era dar dois ou até três beijinhos ao se cumprimentar alguém. Eu perguntei o motivo daquilo, mas nem ela nem a Clara souberam me responder. A outra menina, que era loura e bem baixinha, entrou no papo e disse: “É que as mineiras são espertas!”, ela falou sorrindo. “Por que a gente daria só um beijinho em um gatinho quando se pode dar *três*?”

E, ao dizer isso, ela veio, me cumprimentou com os tais três beijos e disse: “Prazer, eu sou a Natália. Sou vizinha da Clara e nós três estudamos no mesmo colégio, embora eu seja de uma turma atrás delas, pois sou um ano mais nova”.

Mentalmente eu calculei que, se ela era do mesmo colégio da Marina, onde eu também iria estudar, e tinha um ano a menos,

provavelmente eu seria da turma dela! Seria muito bom se eu já conhecesse alguém da sala no primeiro dia de aula. Porém, antes que eu pudesse entrar nesse assunto, a Marina já estava perguntando onde elas estavam sentadas e se os meninos já tinham chegado.

Enquanto a gente caminhava por um longo gramado, percebi que de pequenos postes com caixas de som, que se localizavam em vários locais do clube, saía uma música bem animada. Comecei a prestar atenção no papo da minha prima com as amigas, e, pelo que deu pra entender, elas iam ali todo fim de semana para ver uns garotos que jogavam futebol. Então, além de ali ser o lugar para se bronzear, era também o ponto de paquera. Minha mãe teria que dar um jeito de comprar uma cota daquele clube...

Nós nos sentamos em umas espreguiçadeiras em frente a uma grande piscina. Percebi que todas elas se estenderam ao sol, sem nem se preocupar em passar protetor solar. Fiquei meio sem graça, mas só eu sabia o que aconteceria com meu rosto se eu não o besuntasse inteiro de Sundown. Comecei a espalhar o creme e percebi que a Clara estava me olhando. Eu sabia que não devia satisfações a ela, mas mesmo assim senti necessidade de explicar: “É que... se eu não passo protetor, minhas sardas aumentam muito”.

Ela deu um sorriso, assentiu com a cabeça, falou que eu estava certa e que ela iria passar um pouco também. Em seguida, olhou para os meus cabelos, que eu já tinha enfiado debaixo de um boné, e se virou pra minha prima, dizendo: “Ô, Marina... você não tinha me contado que sua prima era ruiva! Pensei que ela fosse morena, como você”.

Antes que a Marina pudesse responder, eu falei, mais alto do que desejava: “Eu não sou ruiva!”.

A minha prima começou a explicar que eu não gostava de ser chamada de ruiva, mas a Natália, que estava superentretida lendo uma revista, entrou na conversa, dizendo que eu não era mesmo, pois meu cabelo não era vermelho, e sim castanho, ligeiramente puxado para o bronze.

“É natural?”, ela perguntou, desviando o olhar da revista para mim. “Porque eu nunca vi um tom tão lindo...”

Imediatamente eu simpatizei com ela... Só balancei a cabeça afirmativamente e ela disse que era uma pena, pois, se fosse tinta, certamente ela iria pintar os próprios cabelos da mesma cor, para se livrar daquele “louro sem graça”. Em seguida, ela se virou novamente para a revista e eu fiquei a observando. Eu poderia até *matar* para ter aquele cabelo “sem graça” dela... Ele era tão louro, tão liso e tão comprido! Aliás, aquela Natália parecia ter saído de um desenho. Ela era tão magrinha, tinha o nariz arrebitado... e olhei para as unhas dela e vi que estavam todas feitas, sem uma cutícula fora do lugar. E o sorriso dela também era perfeito. Lembrei-me do aparelho fixo que eu ainda teria que usar por um tempão e imediatamente dei um suspiro. Deus! Por que não distribuir melhor a beleza do mundo?

Depois do que pareceram horas (mas que ao olhar o relógio eu percebi que tinham sido apenas 35 minutos) naquele sol escaldante, a Clara perguntou se a gente não queria ir nadar. Topei de cara, eu já estava com vontade de pular na piscina desde o primeiro instante em que tinha pisado naquele clube, mas a Natália e a Marina falaram que queriam “esquentar” mais primeiro. Oi? Eu estava a ponto de derreter e elas queriam esquentar ainda mais?

Resolvi não argumentar, apenas segui a Clara, que parou várias vezes no caminho da piscina para cumprimentar (sempre com aqueles três beijinhos) várias pessoas. Ela me apresentou a todas elas, dizendo que eu era a prima da Marina, ao que imediatamente eu acrescentava: “Meu nome é Priscila”. Todas foram muito simpáticas comigo, mas logo perguntavam sobre a Marina. Aos poucos, fui percebendo que minha prima era muito querida e popular. Não só ela mas também a Clara, e eu imaginava que a Natália também devia ser.

Um sentimento estranho começou a me atingir, de nostalgia misturada com ansiedade. Em São Paulo eu vivia no meu mundinho, todos os meus amigos moravam no mesmo condomínio que eu e estudavam na minha escola, que era perto da minha casa. Eu era feliz com elas, com a minha família, com meus animais de estimação... E agora esse outro mundo, cheio de pessoas novas, se abria para mim.

Saí do meu devaneio quando a Clara apertou a minha mão e disse: “Priscila, não olha pra direita agora, não olha!”.

Eu fiquei louca para olhar, mas consegui me conter. Perguntei o motivo, e ela disse que dali a pouco me explicaria. Nós passamos pelo local *tenso*, chegamos à piscina, e, só quando nos sentamos na beirada, ela disse meio sussurrando: “Agora pode olhar, com muita discrição. Atrás de mim, de bermuda vermelha e cabelo molhado, está o Pedro...”.

Eu olhei pro tal Pedro, que estava em pé, perto da piscina, conversando com mais uns quatro meninos. Ele era bem bonito, parecia ser um pouco mais velho e tinha cara de convencido.

Tornei a olhar pra Clara, que estava com um olhar questionador pra mim. Percebi que ela estava esperando que eu dissesse alguma coisa e então eu falei que ele era bonitinho.

“Bonitinho?!”, ela falou, ainda sussurrando mas completamente indignada. “Ele é um deus!”

Eu olhei novamente, para ver se à segunda vista encontrava algo de divino nele, mas meu olhar foi atraído para o garoto que estava ao lado, rindo muito, provavelmente de algum caso que o Pedro estava contando. Sem perceber, fiquei encarando o menino, que deve ter sentido que estava sendo observado, já que de repente olhou de volta, em minha direção. Abaixei o olhar no mesmo instante, sentindo o meu coração dar um pulo.

“Quem é o de sunga preta?”, eu perguntei pra Clara, tentando disfarçar meu embaraço. Levantei o olhar e vi que ele ainda estava olhando pra mim, com uma expressão meio curiosa. Desviei os olhos novamente, me sentindo ainda mais quente do que eu já estava.

A Clara olhou sutilmente pra trás, como se estivesse procurando alguém perto do lugar onde os meninos estavam, e logo se voltou para mim, sorrindo. “Ah, você tem bom gosto, hein? Aquele é o Marcelo. Ele tem 18 anos e é o guitarrista da *Guarda Moderna!*”

“Guarda Moderna?”, eu perguntei sem entender. “Olha, acho que vou pular na piscina, estou sentindo tanto calor que fiquei até um pouco tonta...”

Nós pulamos juntas na água, e, assim que emergiu do mergulho, ela me explicou que o Marcelo participava de uma banda, que fazia releituras de músicas muito antigas, de um estilo chamado “jovem guarda”, e as tocava de um jeito mais *rock’n’roll*. Eu me senti meio inundada de informações. Banda? Releitura? Jovem guarda? Rock’n’roll?

A Clara, sem perceber a minha confusão, continuou a falar: “A Marina não te falou da festa de hoje à noite? É a banda dele que vai tocar!”.

Com muito esforço eu me lembrei de que na noite anterior a Marina tinha mesmo comentado sobre uma festa. Lembrei também que, no momento em que ela comentou, eu não tive a menor intenção de ir. Eu já havia inclusive planejado inventar uma desculpa qualquer pra ficar em casa. Porém agora...

“A festa se chama *Verão Mix*”, a Clara continuou a explicação. “Tem todo ano, em janeiro, e é aqui no clube mesmo. Nós estamos muito animadas porque é o primeiro ano que nossas mães nos deixam participar! Sua mãe deve deixar você vir também, né? Quantos anos você tem?”

Eu respondi que tinha 13, que meu aniversário tinha sido no dia anterior. Ela me deu parabéns, disse que eu era muito alta para a idade, que jurava que eu já tivesse uns 15, e tornou a perguntar se então minha mãe me deixaria vir, explicando que a mãe dela só tinha permitido porque ela iria fazer 14 anos já em fevereiro.

Eu dei outra olhadinha para o Marcelo, vi que ele estava tocando um instrumento imaginário (que eu imaginei ser uma guitarra, pelo que a Clara tinha dito), enquanto um outro menino cantava alguma música. Ele estava sorrindo, e o cabelo, que era castanho bem escuro, estava meio molhado. Ele tornou a olhar em minha direção e, ao perceber que eu estava olhando, deu um sorrisinho. Meu coração disparou mais uma vez, e eu virei rapidamente o rosto, mas, sem conseguir resistir, logo olhei de novo. Vi que ele já estava tocando novamente a sua guitarra invisível.

Sem tirar os olhos dele, respondi para a Clara: “Ah, minha mãe deixa, sim... ela está fazendo de tudo para que eu goste desta cidade...”.

“E você está gostando?”, ela perguntou, se virando para trás para ver o que eu estava admirando, tão interessada. Ao ver que ainda era o Marcelo, ela sorriu pra mim.

Com muito custo, eu desviei o olhar de onde ele estava, dei um sorriso cúmplice de volta pra ela e respondi: “Acho que estou. Na verdade, acho que estou gostando *muito...*”.

Ela me deu uma piscadinha, e então nós mergulhamos novamente.



Bruna, você ia amar onde eu estou agora. É um clube cheio de garotos lindos! Ok, não é a Riviera, mas dá pro gasto! Por falar nisso, aproveite a praia por mim, aqui só tem piscina! Você volta pra SP quando? Se encontrar o Gabriel aí, fala que eu mandei um superbeijo!!!! Saudade dele! E mais ainda de você, minha melhor amiga! Beijos! Pri